

A educação musical sob o viés do ensino coletivo de violão: processos metodológicos na perspectiva de uma aprendizagem consolidada

José Simião Severo

Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
josesimiaoosvero@hotmail.com

Comunicação

Resumo: O presente trabalho disserta sobre aulas de violão para iniciantes oferecidas pela prefeitura municipal da cidade de João Câmara-RN, colocando em pauta a educação musical que se encerra em no referido contexto. Tem como objetivo principal abordar o processo metodológico percorrido sob os aspectos da interação do desenvolvimento rítmico, por meio de aulas coletivas envolvendo o corpo, associadas à leitura de partituras para o instrumento musical. A metodologia se sustenta nos autores Fonterrada (2008), Santos (2016), Souza (2005) dentre outros. A partir de análise contínua do aprendizado dos alunos, detectou-se um desenvolvimento musical consolidado no que se refere ao domínio natural de aspectos rítmicos no violão, na perspectiva do desenvolvimento cognitivo.

Palavras chave: Violão. Educação Musical.

Introdução

De modo geral, o ensino de música no que se refere a um aprendizado preciso, está imerso no campo empírico de uma realidade específica. Nesse sentido, para a consolidação do processo educativo, faz-se necessário buscar caminhos que abracem o desenvolvimento prático do aluno na direção de um ensino eficaz e prazeroso. Assim, as práticas de percepção rítmica que envolve o corpo adicionam ao desenvolvimento prático do instrumento expectativas de um aprendizado consciente.

Compreende-se, que o instrumento musical é um atrativo inicial para uma transformação musical cultural, em especial quando executado em coletividade, e que, conseqüentemente, pode induzir à autoestima, à disciplina, ao respeito para com o outro e ao aprendizado mútuo. Sendo assim, o Ensino Coletivo de Instrumento Musical “pode ser uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, democratizando o acesso do cidadão à formação musical” (CRUVINEL, 2008, p. 5). Entretanto, é imprescindível buscar caminhos que sejam compatíveis com a realidade específica de cada turma.

Sob este enfoque, procura-se, antes de tudo, rastrear resultados de experimentos que respondam à problemática de como lidar com alunos iniciantes de violão em aulas coletivas, enfatizando um aprendizado prazeroso, divertido e consolidado, sem se prender somente ao lado prático do instrumento, algo que por vezes se torna cansativo para o iniciante. Para Gomes (2010, p. 3) “o ensino de instrumentos com turmas coletivas não é tradicional o que implica na carência de metodologia para atividades coletivas com instrumentistas [...]”. Assim, considera-se que a aula coletiva de violão nesse contexto, precisa se desvincular do ensino tradicional, buscando salientar o envolvimento do aluno na perspectiva do ouvir, imitar e interagir.

Partindo dessas premissas, este trabalho tenciona evidenciar estratégias que possam ser utilizadas no ensino coletivo do violão, ou de outro instrumento musical, em contextos grupais, levando em consideração o aprendizado prático de ritmos não necessariamente somente com o violão. Aposta-se que “o ensino em grupo tende a impor em várias instancias uma dinâmica distinta daquela encontrada tradicionalmente no ensino individual” (PAZIANE, 2016, p. 2). Nesse sentido, cabe enfatizar a busca por caminhos que nos tragam resultados efetivos.

Sob esse enfoque, este trabalho se circunscreve nas seguintes etapas: a primeira discorre sobre o contexto e intenção em que as aulas se inserem. A segunda parte apresenta o contexto no qual as aulas foram pensadas. A terceira e última evidencia os caminhos percorridos para a consolidação do aprendizado, demonstrando a interação do ensino coletivo do violão com aspectos relevantes do aprendizado cognitivo no que se refere ao ritmo e à leitura de partitura no instrumento.

A orquestra de violão

As aulas coletivas de violão são destinadas a crianças de 7 a 12 anos de idade, sabendo-se que algumas delas já carregam consigo experiências adquiridas em outras aulas particulares ou em vídeos compartilhados no *Youtube*.

Esta iniciativa tem o objetivo de formar uma orquestra de violão para servir às comunidades, em eventos, tanto da cidade de João Câmara-RN quanto de outras

circunvizinhas. As aulas aconteceram duas vezes por semana, com duração de uma hora e meia cada. O público são alunos oriundos de escolas públicas, muitos dos quais não dispõem de instrumento em casa, contudo, a prefeitura disponibiliza trinta violões para que os mesmos possam participar. Notifique-se que, à época da feitura deste trabalho, esses instrumentos não podiam ser levados para casa.

A princípio, a intenção emergencial da orquestra era tocar sem a necessidade de padrão no que se refere a divisão de naipe, por exemplo, violão 1, violão 2, violão 3 e violão 4. Todo o desenvolvimento das aulas e a parte técnica ficaram a cargo do autor do presente trabalho.

Estratégias utilizadas

O ensino coletivo é uma modalidade que tem ganhado destaque nos últimos anos com várias pesquisas metodológicas, visando à consolidação de caminhos para a aprendizagem comunitária de um modo geral. Antes de tudo, considera-se o aludido ensino como fundamental para um aprendizado significativo. Além disso, como descrito por Cruvinel (2008) “o Ensino Coletivo de Instrumento Musical pode ser uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, democratizando o acesso do cidadão à formação musical” (CRUVINEL, 2008, p. 5). É por meio da interação que acontece o despertar do aluno para os aspectos importantes da formação humana, instigando-se o interesse do aprendiz na busca de aprender a executar um instrumento musical de forma lúdica.

O ensino coletivo para alunos iniciantes é importante por possibilitar interação e oferecer possibilidade de musicalização fundamental à formação do aprendiz. Para tanto, podemos pensar o referido ensino como uma oportunidade de despertar o interesse do aluno para o aprendizado musical de forma ampla, no sentido de aprender música, o que não significa, necessariamente, ser um bom instrumentista. (SEVERO, 2014, p. 3).

Nesse sentido, procurei, a partir da interação entre os alunos, atender às demandas existentes para o estudo. A aula coletiva pode servir como um caminho relevante para a

aquisição de conhecimento, levando em consideração que o ato de observar o colega remete ao aprendizado mútuo gerando ainda uma competitividade saudável.

No ensino coletivo de música existe uma concepção mais eficiente em relação à motivação, portanto, tocar em grupo, assimilar o som do colega, fica muito mais prazeroso que tocar para si, as deficiências são socializadas em conjunto propiciando um maior intercâmbio entre os alunos, torna o “fazer musical” um campo de aprendizagens duráveis. Essa prática coletiva provoca situações onde o aluno não somente é levado a interagir socialmente como também contribui para um aprendizado instrumental e musical em ambiente lúdico. (SANTOS, 2016, p. 4)

Para Santiago (2016), “o lúdico tem sido sistematicamente adotado como metodologia de ensino e aprendizado na educação musical, uma vez que demanda e favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas significativas” (SANTIAGO, 2016, p. 19). O sentir a música antes de sua execução é um fator relevante para um bom aprendizado, nesse sentido, é relevante considerarmos os aspectos da prática empírica que envolva tais aspectos, ou seja, “ensinar os princípios e a teoria após a prática” (FONTERRADA, 2008, p. 62). Para uma aprendizagem eficaz, é necessário considerar a atividade prática musical com sensações vivenciadas, pois “o ato de perceber sonoramente e ritmicamente o que está proposto ao aluno remete-lhes segurança e desenvolvimento da musicalidade” (SEVERO, 2014, p. 2). Portanto, tais aspectos não podem ser ignorados, sendo necessário associarmos cada vez mais a aprendizagem de música ao desenvolvimento sensorial do aprendiz.

No decorrer das aulas, iniciei-as com conhecimentos básicos úteis para a execução do violão, por exemplo, denominação dos dedos de ambas as mãos, até o treinamento dos primeiros acordes juntamente com o ritmo. Diante disso, observei que as crianças tinham dificuldades de entender o ritmo, e assim, busquei apoio no que se refere ao desenvolvimento do ritmo corporal antes de efetivar a prática de tocar as músicas no instrumento.

Para que o aprendizado se torne prazeroso e eficaz, faz-se necessário buscar suporte em metodologias que enfatizem um entendimento musical por meio de envolvimento do aluno, não dependendo unicamente do instrumento musical para serem alcançados tais fins. Assim, a prioridade em atividades práticas que envolvam o aprendiz é um fator relevante para

o desenvolvimento da habilidade instrumental. Contudo, não podemos nos ater apenas à parte técnica do instrumento, principalmente quando se trata de alunos que estão iniciando.

Observa-se que durante o aprendizado de instrumentos musicais a formação do intérprete é delineada em função da técnica musical. Esquece-se que o músico é um ser humano possuidor de um corpo que abrange o físico, o mental e o emocional. Trata-se o intérprete como se fosse uma “máquina de fazer música”. O corpo, como consequência dessa percepção, é fragmentado em função dos objetivos a serem alcançados: a decodificação do símbolo e o domínio técnico do instrumento (PEDERIVA, 2005, p. 13).

Sob este enfoque, imprescindivelmente iniciei o processo de aprendizagem conduzindo uma abordagem prática dos assuntos de ritmo, coordenação motora e leitura de partitura. Contudo, minha preocupação foi em não me prender apenas à apreensão mecânica da execução do violão, mas, acima de tudo, buscar meios para abordar os assuntos de uma maneira que os discentes pudessem realmente vivenciá-los de forma interativa. A finalidade era fazer com que o resultado aparecesse por meio da prática final do violão através de músicas populares. Dessa forma, para o aprendizado do ritmo, priorizei atividades práticas envolvendo o corpo, por exemplo, toques de palmas, toques com os pés no chão e toques no próprio violão. Nessa direção, Souza (2010) corrobora que:

Assim sendo, o corpo torna-se um aliado no processo de ensino aprendizagem musical, proporcionando por meio dos diferentes movimentos oportunidades para o aprendizado. Por meio desse recurso podemos desenvolver atividades que envolvam a percepção e interiorização do ritmo, intensidade e altura, trabalhar com a forma musical e também desenvolver a expressividade das crianças (SOUZA, 2010, p. 99).

O primeiro ritmo trabalhado foi à chamada valsinha, o qual é executado com a mão direita através de um toque do polegar tangendo as cordas do violão uma vez para baixo, e do indicador duas vezes para cima. O desafio principal foi manter o andamento, para sanar essa questão, utilizei como exemplo o andar natural que uma pessoa adota quando está tranquila. Em seguida, pedi para que todos em fila imitassem meus passos. Logo depois, aos poucos fomos adicionando o ritmo com as mãos.

A concepção de ensino coletivo está aqui conceituada como transposição inata de comportamento humano de observação e imitação para o aprendizado musical. [...] A imitação está focada no resultado sonoro obtido e não na decodificação de símbolos musicais. A partitura no ensino coletivo ou não está presente nas aulas iniciais, onde o trabalho é feito por imitação, ou é apresentada de forma funcional, isto é, serve para um resultado específico e imediato (TOURINHO, 2007, p. 2).

Pederiva (2005) afirma que “um dos maiores desafios para os professores seria encontrar formas criativas de encorajar os alunos a trabalharem suas deficiências motoras” (PEDERIVA, 2005, p. 110). Com isso em mente, para enfatizar de modo que o aluno sentisse realmente o ritmo e o desenvolvesse através da coordenação do corpo, do uso de palmas e toques com os pés, e com a intenção de preparar o aluno para tocar o ritmo e os acordes no violão, utilizei a técnica de executar a valsa com a mão direita, e com a esquerda marcar o tempo, ou seja, simultaneamente o aluno executa o ritmo com as duas mãos.

Desse modo, a mão esquerda toca junto com o primeiro tempo da mão direita. Em seguida, acrescentamos a mão esquerda no terceiro toque, junto com a mão direita. Essa última prática exigiu foco e concentração, pois logo após o terceiro toque o aluno deveria entrar no primeiro tempo novamente. O ritmo quando entendido através do sentir com o corpo, conseqüentemente pode ser relacionado ao que está escrito em partitura, “[...] assim, pois, através da execução com o corpo o desenvolvimento cognitivo apresenta-se de forma precisa e eficaz” (SEVERO, 2016, p. 6). Para o ensino de partitura, também é importante focar no ato de compreender através da prática antes da definição teórica. Nessa perspectiva, Montandon (1992, p. 53) afirma que “a aquisição de conhecimento necessita de experiências concretas prévias”, desse modo informei parcialmente a duração de cada figura de valores musicais na perspectiva da prática. Por exemplo: Semibreve, Mínima e Semínima, logicamente informando que por enquanto cada uma iria ter uma duração de tempo, por exemplo, a Semibreve seria igual a quatro toques com a ponta do pé direito no chão até em cima (limite do pé), assim sucessivamente com as demais figuras musicais. Neste sentido, o entendimento na prática do que seria “tempo” foi fundamental para seguir adiante. Em relação à importância da prática sem o instrumento, Fonterrada (2008) discorre:

Hoje, nem mesmo as escolas de música parecem dar-se conta da importância dessas propostas, permanecendo muitas delas no antigo esquema de iniciar crianças e jovens diretamente no instrumento, e colocando-os em classes de teoria da música para completar a formação exigida pela aula de instrumento (FONTERRADA, 2008, p. 120).

Nessa perspectiva, inicialmente associamos a duração de tempo à marcação dos segundos do relógio, ou seja, cada segundo equivale a um tempo. Para a completa compreensão, utilizando um relógio marcando os segundos, pedi que os alunos imitassem as batidas através de palmas; em seguida, os alunos executaram, em fila, através dos passos de cada um, os segundos do relógio. A utilização do metrônomo foi um passo mais adiante: logo associamos o andamento lento a uma pessoa caminhando lentamente, e o andamento rápido à pessoa que está apressada para ir ao trabalho. Depois desses exercícios, todos os alunos executaram a duração do tempo em andamento lento na primeira corda solta do violão. Assim, fui direcionando inicialmente, passo a passo, a leitura de partitura na primeira corda do violão, a se iniciar com a nota Mi (primeira corda solta) com apenas a figura Semibreve. Posteriormente, foi feito o mesmo processo com as figuras de valor musical denominada Mínima e Semínima.

Inicialmente, houve dificuldades dos alunos em seguirem juntos na marcação do tempo principalmente em sincronizarem o andamento. Contudo, tendo percebido que isso acontecia porque a turma tinha a tendência de aumentar naturalmente o andamento da rítmica, propus que cada passo que o aluno dava para representar cada tempo fosse associado imaginativamente uma pegada na lua. E assim sanamos esse obstáculo. Atendimentos individuais em horários extras também foram fatores importantes para corrigir as dificuldades.

Para a prática corporal com a duração de “tempo” das figuras musicais, ainda foi adotado o mesmo procedimento com os alunos andando em fila. Assim, para a Semibreve os alunos davam um passo e contavam quatro vezes o valor da figura através de palmas. Os valores de duração das figuras foram intitulados como instáveis, ou seja, algo que pode mudar de acordo com a música.

Na falta de um método brasileiro que enfatize a prática rítmica das figuras de valores, elaborei, com base no desenvolvimento rítmico dos alunos, uma pequena apostila que enfatiza

a prática no contexto empírico. Desse modo foi dada atenção inicialmente à marcação rítmica, fazendo a interligação das cordas soltas do violão com o trabalho da leitura de partitura no violão a partir das notas Mi, Fá e Sol da primeira corda, e assim sucessivamente nas demais cordas. Por exemplo, na corda Si (segunda corda solta), temos as notas Si, Dó na primeira casa e Ré na terceira. Contudo, a prioridade em enfatizar aspectos que envolvam a concepção corporal e o sentir a música antes de executar ao violão, foi um fator primordial para a consolidação do entendimento dos alunos. Em relação ao repertório, para essa prática inicial foram selecionadas e trabalhadas as músicas “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré) e “Asa Branca” (Luiz Gonzaga).

Considerações finais

Este trabalho mostrou a relevância de se buscar interação entre metodologias para se alcançar determinados objetivos. A princípio, os caminhos percorridos demonstraram de certa forma insegurança por parte dos alunos, pois os mesmos tinham as perspectivas ligadas diretamente ao ato de tocar o instrumento. Nas primeiras aulas iniciamos de fato o exercício direto no instrumento, mas, de acordo com as dificuldades encontradas no decorrer das práticas, direcionei aos poucos as estratégias mencionadas neste trabalho.

Nessa perspectiva, os caminhos percorridos não só demandam princípios da educação musical, como se consolidam através desse aprendizado eficaz no violão, tendo em vista que a parte do entendimento do ritmo e consequentemente da duração das figuras de valores musicais estava clara na concepção dos alunos. Foi através das dinâmicas em aula que os alunos desenvolveram a prática do ritmo e da leitura de partitura de forma consistente nas músicas trabalhadas.

Apesar de algumas dificuldades referentes a especificidades de cada aluno, as aulas realmente mostraram resultados além das expectativas. Assim, a busca pelo aprofundamento de questões pertinentes a esse modo de ensino de violão é um campo que tentarei cada vez mais enfatizar nas aulas, sempre que me for dada autonomia para tal. A prática envolvendo o corpo apresenta resultados satisfatórios referentes ao desempenho do aluno no violão.

Pode-se concluir que o referente trabalho contribui para uma abertura referente às aulas de instrumento musical, enfatizando a prática corporal de ritmo como um dos pilares para a efetivação do aprendizado. Anseia-se também contribuir em sentido amplo na pesquisa acadêmica no que tange à educação musical e ao desenvolvimento cognitivo em música.

Referências

CRUVINEL, F. *O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica*: Compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical. ENECIM, 2008, Brasília, ago. 2008. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/musicalidade/midiateca/praticas-musicais-vocais-e-instrumentais/praticas-instrumentais/o-ensino-coletivo-de-instrumentos-musicais-na-ed.-basica/view>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

FONTEIRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De Tramas e Fios*: Um Ensaio Sobre Música e Educação. 2. ed. - São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte 2008.

GOMES, José Benedito Viana. *Aulas coletivas de instrumento como fator de motivação para o desenvolvimento da execução musical de flautistas em cursos de graduação*. **Anais do SIMPOM**, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=AULAS+COLETIVAS+DE+INSTRUMENTO+COMO+FATOR+DE+MOTIVA%C3%87%C3%83O+PARA+O+DESENVOLVIMENTO+DA+EXECU%C3%87%C3%83O+MUSICAL+DE+FLAUTISTAS+EM+CURSOS+DE+GRADUA%C3%87%C3%83O.&btnG=&lr=>>> . Acesso em: 29 ago. 2017.

SANTIAGO, Patricia Furst. *Dinâmicas corporais para a educação musical*. Opus: revista eletrônica da ABEM, v. 16, n. 19, 2008. Disponível em: < <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/296/275> >. Acesso em: 15 jun. 2017.

SANTOS, Jorge Eduardo; DOS SANTOS, Paloma Araújo Côrtes; DOS SANTOS, Párbata Araújo Côrtes. *Orquestra Escola*: ensino coletivo e inclusão social no projeto orquestra sinfônica vale do cotinguiba. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: < <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1905/806>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar*. **Revista da ABEM**, v. 12, n. 10, 2014. Disponível em: < <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/364/293>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

MONTANDON, Maria Isabel. *Aula de piano em grupo e ensino de música*: análise da proposta de reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves. 1992. (Dissertação de Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

PAZIANI, Danilo Ribeiro. *O ensino coletivo de instrumentos musicais*: reflexões acerca do modelo na perspectiva da experiência com a criação musical In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSICA, 26. 2016. Minas Gerais. Anais... Belo

Horizonte: ANPPOM, 2016. Disponível em:<
www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/paper/.../1355>. Acesso em:
10 jul. 2017.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins et al. *O corpo no processo ensino-aprendizagem de instrumentos musicais: percepção de professores*. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <
<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/816/1/Patricia%20Pederiva.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SEVERO, José Simião. *Projeto de extensão “Violonista Mirim” da EMUFRN: musicalização a partir da leitura musical em aulas coletivas de violão*. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 12., 2014, São Luís, MA. **Anais...** São Luís, MA: UFMA, 2014. Não paginado. Disponível em:< http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/regional_nordeste/nordeste/paper/view/753/227>. Acesso em: 3 abr. 2016.

SEVERO, José Simião. *O ensino de Percepção Musical através da música brasileira: norteando uma Perspectiva*. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 14., 2016, Teresina, PI. **Anais...** Teresina, PI: UFPI, 2016. Não paginado. Disponível em:< <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/regnd2016/regnd2016/paper/viewFile/2132/943>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

TOURINHO, Cristina. *Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história*. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2007, Campo Grande, MS. **Anais...** Campo Grande, MS: UFMS, 2007. Não paginado.